

QUARTA-FEIRA
Lisboa--29 de Outubro--de 1930

5 TOS TÔES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

2012



sempre
fi **RE**
semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

"Será crime" uma caricatura tão horrível?





Os ditos da semana



A paz Como sempre tínhamos previsto, a revolução do Brasil acabou em bem. Venceram os insurrectos e venceram os federais, absolutamente de acôrdo com os telegramas que tinham vindo desde o primeiro dia de revolta.

Havia quem estranhasse, quem achasse impossível que uns e outros avançassem constantemente. Não se lembraram, porém, os incredulos, de que o Brasil é muito grande e que muito mais ainda poderiam ter avançado uns e outros. Além disso, avançando ambos, não faziam mais do que aproximar-se que era, afinal, o que todos tinham em vista.

E tanto se aproximaram que, num belo momento, se confundiram e venceram todos.

Não houve vencedores nem vencidos, porque os federais, entre as duas situações, não vacilaram, preferiram a de vencedores e muito bem.

E agora vem o general Soares do Ceará para baixo, a toda a pressa, na ideia de tomar conta do govêrno.

Se Ceará ou não Ceará é que já não sabemos.

Em todo o caso já podemos calcular a scena que vai dar-se:

— Você me entrega o Govêrno? pergunta o general Soares ao seu camarada Mena.

— Boa ideia seu Soares. Pois para que botei eu mão dele, si não para entregar ele a você? responde o outro.

— Sempre amavel, seu Mena, faz o Soares.

E pronto. Paz! Reina a Paz!

A pala... Os herdeiros do vice-rei Bonet, formaram uma frente unica, que mais propriamente devera chamar-se talvez a frente do Bonet ou melhor ainda a pala do bonet que como toda a gente sabe é sempre unica. Essa frente, ou essa pala, é constituída por todos os individuos que ha no mundo, com o apelido de Bonet, pretendendo, todos estes Bonets cobrir a herança do vice-rei seu antepassado, logo que ela esteja a geito de lhe deitar a mão. Trata-se de arranjar um Bonet para a cabeça dos milhões.

Ao passo que os Bonets vão aparecendo, a frente unica vai-se alargando e ainda se ha-de chegar a ponto que hão-de ser mais os bonets do que as cabeças, até que um dia se declare a guerra civil entre os Bonets, para exterminio de alguns, de contrario não vale-

ria a pena tantos trabalhos e tantas palas para obter uma fortuna que, depois de partilhada, não daria um pataco a cada Bonet.

Estamos em frente dum caso perfeitamente igual a um que, ha bons vinte anos, se deu em Coimbra.

Apareceu na cidade do Mondego um brasileiro, com fama de muito rico—e era o—acompanhado de dois rebentos: um menino para a Universidade e uma menina para casar. O menino atirou-se á Universidade e a Universidade em pezo, atirou-se á mana do menino, até que um, dentre tantos, triunfou e pediu a menina em casamento.

Passado pouco tempo, porém, o felizardo dava o dito por não dito.

A rapaziada, intrigada, inquiria, cheia de curiosidade:

— Então o brasileira afinal

não era rico? Não tinha os tais 200 contos?

— Tinha, tinha, mas tambem tinha 400 filhas. Não valia a pena.

Dialogo — Sabes que andam para ai a dizer que Lisboa foi conquistada aos mouros ha 783 anos.

— Sei.

— E tu acreditas?

— Pois está claro que acredito.

— Pois não acredito eu...

Anuncios Desta vez é o «Noticias» do Porto que nos fornece materia para esta secção:

Manteiga purissima

de Lete, do Ex.^o Sr. Dr. Coutinho, artigo que se mpõe por excelencia, quilo 21\$80. Manteiga sem sal para doentes. Manteiga de Paços quilo 19\$00. Queijo da Serra, fresco bem mole. Queijo flamengo marca Corôa, legitimo, quilo 19\$50. Queijo flamengo marca Merk quilo 17\$00. Marmelada pura de marmelo, quilo 4\$40. Doce de abobora, quilo 5\$80. Bolacha Maria e Brillhante quilo 7\$80 e 8\$80. Confeitaria Abreu, Praça Carlos Alberto, 121.

Este anuncio atrapalha nos um pouco por encerrar novidades desconcertantes. A primeira e a mais chocante é a proveniencia da manteiga, mas não nos dá menos que pensar o facto de, no Porto, se chamar manteiga á marmelada, ao doce de abobora e á bolacha Maria. A esta já tínhamos ouvido um brasileiro chamar fructa seca, mas manteiga é a primeira vez.

Calculamos o trabalho insano que deve ter o Ex.^o Sr. Dr. Coutinho para fazer tantas coisas, tão diversas e tão heterogeneas...

Dr. Reinaldo dos Santos



O proximo numero do

KINO

sal amanhã

com 12 PAGINAS

Cirurgião dos mais distintos e critico de arte dos mais Huetres, cujo effecissima vá em Arrotesondomais o dr. ANSEL de Castro vai retendo, operando e pensando-se será S. Vicente, St. Catarina, S. Gregorio, S. José, de Figueiredo, ou outros Santos...

O proximo numero do

KINO

sal amanhã

com 12 PAGINAS

TEATRO

«RETROZ DDETO...»



Um grande sucesso teatral

visto por AMARELHE

NA PREMIERE dos «Revoltados», notou-se muito o vestido com que a actriz Palmira Bastos entrou no primeiro acto. Negro, amplo, de mangas perdidas, parecia a toga de um advogado. Acentuar a similitude ha o facto da illustre comediante ter cortado o cabelo á homem. E como o papel tinha enormes tiradas, Palmira era obrigada a fazer, de pé, o seu discurso com enfaze e gesto largo, como se estivesse no tribunal.

J. agora sempre queremos ver se ella consegue absolver a peça.

MARIA VITORIA anuncia uma nova revista. Chama-se a Rapioca...

Numa terra de rapioqueiros, é natural que ella pegue!...

O VARIEDADES vai pôr em scena o «Pato Marreco».

Trata-se dum palmipede muito apreciado pelos gastrónomos, quando feito com arros, que faz, pela primeira vez, a sua aparição no teatro. Nada, uma das melhores criações da culinaria nacional. E o pato, que também é «pato», deve gozar...

Um reclamo engraçado:

Esclarecendo

alé que idade pode casar uma mulher

A declaração de amor que D. Cristina, personificada pela grande actriz Maria Macabal de que o ajnáo ??? tos, fez ao Pele e Osso, é a prova cabal de que o amor não conhece idades e que até velhas de 90 anos podem aspirar a contrair matrimonio com um rapazinho.

Não conhece idades, mas conhece fortunas. E quando uma Maria dá á luz, como aquella que anda agora nos jornais, são sete cães a um ósso... só lhe deixando a pele.

O Lino, aproveita lá também estes trocadilhos!

OUTRO réclame, tão sensacional como oportuno:

No Brazil, triunfaram os «Revoltosos», e no Teatro do Gymnasio triunfaram os «Revoltados». Os repolhosos do Brazil entram, delirantemente na cidade do Rio de Janeiro. Os «Revoltados» do Gymnasio entram, dum ma-

neira decisiva e empolgante, na posse dos seus bens.

Vá lá, podia ser pior! Mas estes exemplos são contagiosos!

OUTRO dia, no mesmo dia em que Alfredo Ruas era submetido a uma operação cirurgica, de que se saiu felizmente bem, o retrato do artista era publicado no «Diario de Lisboa», no anuncio do «Meu Venino», como entrando no espectáculo da noite.

Houve quem perguntasse: —Mas, então, o Ruas está doente ou está a trabalhar?

Logo alguém respondeu: —Não vês que os artistas da Avenida estão tão unidos, que nem na doença se podem separar!...

CLIMACO, no seculo XX, empresario-artista, no seculo tal... antes da era de Cristo, notavel architecto grêgo, continua organizando a sua invizível Companhia. Est' tudo pronto: artistas, peças, secretarios e teatro.

S' lhe falta uma coisa, uma pequena coisa, insignificante, sem importancia, mesmo até mesquinha, mas, no entanto, capital: representar.

Como o Climaco uza o apelido do tal architecto antigo, para não fugir á nacionalidade, a Companhia deve aparecer lá para as calendas gregas ou quando fór o juizo final...

O ACTOR Lafael Marques ingressou pela decima quinta vez, depois de ter saído pela quinquagessima vez, na Companhia Ilda Stichini.

Parece que tem o diabo no corpo!...

ENCONTRA-SE em Lisboa a actriz Ester Leão. Naturalmente,

seu paleo para representar, o mesmo que succede a Ilda Stichini. Apellido para o Inspector Geral dos Teatros: porque não lhes entregou, em condições benevolas, o S. Carlos, onde poderiam fazer uma temporada feliz e proveitosa?

Não é o S. Carlos como o Nacional, um teatro do Estado?

Aqui fica a sugestão, de resto inutil, como tudo quanto se bom se podia fazer e não se fez, na nossa terra. Não basta só tratar dos artistas, quando estão deentes cu velhos, como se propõe fazer a casa Gil Vicente, mas encoraja-los e protegê-los, quando estão na fôrça da vida e na plenitude do talento. Já dizia Pombal: enterrar os mortos e cuidar dos vivos!

DIZ-SE que o Politcama vai iniciar um sistema de teatro ligeiro, que dispensa todas as actrices da especialidade.

E' um pouco incompreensivel, mas é assim mesmo! Mas que diabo será? Mulheres de papelão? Feitas a martelo, sem prêgo nem barbela?

Pintadas no scenario ou transmitidas pela televisão da Broadway? Nada! Por mais que pensem, não atinam.

Inventem o que quizerem, não sendo em pele e osso... ninguem as aceita!

VINDA da Madeira, passou por Lisboa, a caminho do norte da Europa, a actriz Emilia Fernandes.

Irá em excursão ao Polo? Brrr! Com este frio!...

NO Maria Vitoria parece que reina o nudismo, como nas praias elegantes neste verão.

Cuidado! Não morra ninguem afogado!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

SCENAS DA SCENA

OS TOIROS

Foi all' p'ra Sstarem... Uma certa Companhia, doutras seguindo a mania, partira em «tournée» tambem. Lá chegada, dois actores e, com eles, três actrices, quizeram delitar os «clicses» por todos os arredores. D'automovel, instalados com conforto,—todo o dia gosaram a sã poesia das lençóis e dos prados... Em cada olhar se reflete ternura em face á visinha Jencia, da Joanninha, das almas da Carotta... Mas só Deus sabe os devizes... E a volta fuzge, há de ser, uma valente manada

de toiros, com seus campinos!... O espectáculo é bizarro!... Mas uma das três actrices maldiz as horas felizes do passeio, e sai do carro... E' agarrada; protesta; diz que não quer morrer viva e, tremendo, sensitiva, cada vez corre mais lesta!... Por fim, passa todo o gado... Ha risos, troça, chacota, e tratam-na d'idiota pelo médo demonstrado... —«Pois sim»—diz ella, prudente— Um toiro é sempre má réa!... Ora imaginem vossa equanimidade com o gado!... SILVA TAVARES



Diriz Buick d'Almeida que apresenta o "Non plus ultra" dos 8 cilindros

A MANCHA INGRATA

Isto passou-se em terras do Báltico. Mas também se poderia ter dado em Portugal.

Ele era loiro, rechonchudo e rosado como um jovem suíno de Berkshire.

Ellen Dietrich, sua prima, era esculturalmente bela, forte, elegante e saudável como uma grande *Eidhuiss*—a flor do gelo.

Haviam-se casado há cerca de 3 anos e nunca a menor sombra de uma zanga empaldecera a sorridente atmosfera da sua união. Ellen era duma ternura constante e incedível e duma virtude à prova de fogo. O seu pudor impunha respeito e simpatia, não deixando que lhe modelassem as formas as roupas que vestia.

A sua face tinha a brancura diafana de camélia virginal, em que raras e tenues sardas punham pequenos estigmas de beijos irreais de travessos arcanjos. Um apetite de carita linda.

E, no entretanto, um intimo desgosto minava a alegria de seu primo e marido Johan Fisher, antigo capitão de navios e, agora, gerente duma grande empresa de pesca de bacalhau.

Era um desgosto puramente fisiológico; mas—com mil diabos!—era um desgosto.

Talvez por um fenómeno da lei das compensações, apeteciam-lhe carnes morenas, como aquela, que ele saboreara nas suas antigas viagens pelas Antilhas. Mas, na sua qualidade de puritano indefectível, a fidelidade conjugal impunha-se-lhe como o mais sagrado e inviolável dever.

E daí a sua inapetência para aquele sorvete de leite que era a sua deliciosa mulher.

Dado á leitura de revistas de sports, Johan Fisher cogitava um dia forma segura de allar á util satisfação dos seus apetites materiais o respeito severo pelo puritanismo espiritual que seus passos regulava nesta existencia rude e transitoria.

Ellen iria, somente acompanhada pela sua aia, para uma praia do norte da Espanha, que ela sabia socogada e deserta de olhares indiscretos. Ele ficaria entregue aos seus trabalhos da salga do baco-

lhau, enquanto ela, a pretexto duma anemia, que um medico amigo diagnosticara, iria tomar banhos de sol.

O seu projecto (pensava) surtiria o melhor dos efeitos.

Ellen acedeu e partiu.

Todas as semanas, Fisher lhe escrevia as suas recomendações:— «Não deixes parte alguma do corpo, sem que sobre ela o sol incida seus raios luminosos».

Em todos os correios Ellen assegurava: «Cumpro fielmente os teus conselhos; já pareço uma *girl* da Joséphine Baker.»

No fim da estação calmosa Fisher foi receber Ellen á dita do caminho de ferro, por onde a sua adorada mulher havia de chegar.

Foi um deslumbramento! Ellen vinha tão linda como sempre, mas queimada pelo sol até mais não Uma autentica *morenaça*!—pensou Fisher contente. E cheio de entusiasmo, logo a seguiu ao jantar, quiz verificar, *de visu*, a transformação cutanea de ua esposa.

Ellen, afogueada de pudor, deixava-se observar, intimamente deliciada por ver o ardoroso entusiasmo do marido.

Este, porém, de repente, soltou um grito de indignação:

—Infiel porque não cumpriste as minhas ordens?...

E apontava, com o dedo tremente, o sitio exacto do minusculo *maillot* que Ellen usara nos seus banhos de sol.

Ellen, surpresa não atinando com o desespero do esposo, perguntava anciosamente:

—Mas, que mal fiz eu?! porque me chamas infiel?...

Então Johan Fisher, perante a ingenuidade angelica de sua mulher, domando-se com esforço, explicou, titubeando:

—Ellen, minha boa Ellen, perdôa-me o insolito transporte!... Tu não percebes, Ellen... tu não percebes...

E, como quem encontra a meta-fora salvadora:

—Esqueceste-te que, no pecego, o carvão é o malhor...

s.a;b(

CYRANO DE VELHOFRAÇ:

Graça dos outros Cacharolete em verso

Um como ha muitos...

Passava um tipo qualquer,
Homem já de certa idade,
Pelo braço da mulher,
Que é cheia de mocidade,
E a quem ele muito quer:

E, alguém nos fez notar,
Que o desgraçado marido
Principiava a curvar,
Começava a amarrecar,
E andava todo pendido...

Diz um, passados momentos,
Vendo-o pendido p'ró chão:
— «Desses homens ha aos centos!
São aqueles casamentos
Chamados de... inclinação...»

Entre mulheres

Falavam duas *cocottes*
Que se não podiam ver,
E, para o tempo entreter,
Se jogavam varios botes:

Diz uma, já sôbre brazas;
— «Tens uma reles modista!
Não ha quem pior se vista,
E eu visto das melhores casas!»

— «O' menina, não te encrespes,
Jem assim te encolerizes!
Agora o que tu não dizes
E' em que casas te despes!...»

JOÃO FERNANDES.

Um «heroi»

Não digo local nem hora,
mas juro que se passou
o episodio que vou
contar ao leitor agora:

Quem o ouvisse falar,
julgaria certamente
que se tratava dum ente
capaz de ferir e matar.

Um dia, uma discussão
provocou da sua parte
exaltação. E dest'arte
disse a pessoa em questão:

— «Isto não passa de dias!
«Porque, na era em que estamos,
«o povo não quer mais amos,
«nem tolera tiranias!»

Levantou irado o braço,
ameaçando o Poder,
e julgo que o estou a ver
gesticulando no espaço...

Nesta altura um funcionari
perguntou, com ironia,
em que bairro é que vivia
o grande revolucionario.

E observámos-lhe, então,
um sobresalto medroso:
— «Sim... realmente... é perigoso...»
se houver qualquer revolução...»

O HOMEM DOS TIMBALES.



—Vês aquele museu?
—Vejo, sim, avô. Mas o que
gosto mais de ver é a lua, que pa-
rece estar a vir-se.
—Não sabes porque ela se ri?
—Se calhar é porque tomou
ao 4.º concurso Nestlé!

Tirando o retrato:
—Que deseja: um instantaneo
ou um retrato de exposição?
—Um instantaneo para a foto-
grafia e uma exposição para a
conta...

* * *

O preto — Não gosto de emoções
fortes!
O branco — Porquê?
O preto — Porque perco sempre
a cor!

* * *

Entre amigos:
—Tenho que despedir a minha
criada!
—Porquê?
—Espancou o meu cãozinho,
por ele morder no meu filho!...

* * *

A avó — Se continuas a ser mau
fecho-te na capoeira!
O neto — E'-me indiferente! Não
hei-de pôr nenhum ovo...

* * *

No restaurant:
O freguês — Isto é uma vergo-
nha! Acabo de descobrir um caracol
na salada!
O criado — Pelo preço, talvez
quizesse descobrir caracóis ás de-
zenas!...

* * *

Numa loja de flores:
O patrão — A coroa duzentos mil
réis e mais trinta pela fita com a
inscriçáo: «eterna saudade»...
O riivo — Então só levo a co-
roa, sem a fita, tanto mais que a
minha pobre mulher não sabia...
ler!...

* * *

Na provincia:
—Que curiosidade notavel ha cá
na terra?
—Meu avô, com cento e trinta
anos,
—Caramba!
—Morreu em 1900, com cem anos
e já estamos em 1930... Deite-lhe
as contas.

* * *

O professor do collegio:
—Aqui inutimos nas crianças
os principios da mais estreita ho-
nestidade.
O pai, desconfiado:
—E com essa educação, meu fi-
lho não será um incapaz para o fu-
turo?...

* * *

No consultorio:
—Como o doutor me disse ontem
que minha mulher não se salvava...
—Sim, disse...
—Então é escuzado o doutor ir
lá vê-la hoje...

* * *

Ela — Conheci um homem que
não tinha medo de nada: nem do
mar, nem do fogo, nem das balas!
Ele — E cazou-se contigo?

* * *

No restaurante:
—Criado, este bife cheira horri-
velmente mal!
—O freguês está enganado! Não
é o seu que cheira mal, é o que
está comendo aquela senhora que
está na sua frente...

* * *

No atelier do pintor:
—Não ac'io parecido o meu re-
trato!
O artista:
—O senhor está confundido! Eu
não sou fotografo, sou pintor!...

O titulo de Doutor Elevador da Gloria

São horas intimas. As conversas cessaram e principiou o reinado de Haspocrate, o muito amado Deus do silencio. A corte dos Sonhos vale o ouro dum imperio, porque nela não figuram mulheres...

Vem a madrugada e não tarda o arrebol. Com o Sol nasce a Má Língua e se forma a parada da Gargalhada na praça da Figueira. Já se ouvem apregoar os jornais. Comprámos o *Diario* de todas as noticias. Mas, dentre todo o mlo-lo da gazeta só nos interessou a pagina de anuncios.

Ha um que nos chama a atenção. Encima-o as palavras: *Titulo de Doutor* e reza desta maneira:

«Cadeiras human, e tecn, em Instituto estr., event, preparação por corresp. Ofertas sob Conselhos academ, etc. Resposta ao N.º 25 da secção de anuncios deste jornal».

Que significa aquilo, S. Gregorio?

Não chegamos a compree der. Mas efectivamente, o caso presta-se a alguns picarescos comentarios.

De ha uns tempos a esta parte que alguns nomes titulados pelas Universidades apparecem incluídos em casos de policia em negocios mais ou menos complicados, em serenata nas tabernas mais rascó e em casas mais ou menos pitas...

Já o *Ribeirinho*, que dos Santos tambem é, lá da *Republica*, nos disse que heje, em dia, apparece lá pelo velho cazarão da Boa Hora, sapateiros, padeiros, varredores, engraxadores e empregados de modas ostentando diplomas de habilitações superiores. Advogados de causas falidas que ali se acotam, pégame, para defesas officiosas, as quais dão um certo rendimento diario, quando o pobre do arguido é condemnado a dez dias de prisão correccional, *atendendo-se ao bom comportamento moral anterior*.

Em suma: modos de ganhar a vida Hoje, já um sapa'eiro pode tocar rabeção; já um pedreiro pode gerir negocios financeiros; já um cortador pode ser clinico, já um sacristão pode ser droguista; já um musico pode encher-se de notas no Banco de Portugal...

Vida feita *après-lá-guerre*. O titulo de Doutor sempre foi invejado por todas as artes e officios em que se aprende a não fazer nada, isto é, a fazer vista!...

VINHO.

Na aldeia
—Os aviadores ganham melhor que os chauffeurs!
—Essa é boa! Porquê?
—Porque os chauffeurs estão sempre a atropelar gente, e os aviadores nunca atropelaram um passarinho!...

Na Escola Pratica de Agricultura:
O Professor — O que faz o lavrador depois de segado, debulhado e recolhido o trigo?
O aluno — Queixa-se da má colheita!...

Em Paio Pires
—Já viste o medico novo?
—Já!
—E o que te disse?
—Preguntou-se se não tinhamos cá na terra outro cemiterio...

Ela — Já não gostas de mim. Choro e não me perguntas porquê?
Ele — Minha querida esposa! Essas perguntas tem-me custado muito dinheiro...

Ela — Vou-me casar com o seu amigo Antunes mas peço que não lhe diga nada!
Ele — Porquê?... Ele ainda não sabe?...

Surpreendidos em flagrante...
Ele, alarmadissimo! — Estamos perdidos! Teu pai viu-me beijar-te.
Ela, purissima — Não faz mal! Vai-me fechar a sete chaves como das outras vezes...

— Eu conheci minha mulher 3 meses antes de casar!
— Pois eu conheci a minha 8 dias depois de casado.

Na escola:
A professora, indignada — Fazia-te prender se fosses dois dias tua mãe!
O aluno, convicto — Se quere, proponho isso ao meu pai...

O dentista — Quantos dentes tens que extrair?
O paciente — Não sei, mas tenha em conta que no Ministerio só me deram três dias de licença!...

Em dia de aniversario:
Ele, galantissimo com a matrona — As minhas felicitações! Mas v. ex.ª nasceu ha vinte e dois anos ou foi ha vinte e dois anos que fez vinte e dois anos?

A' saída da escola:
— O que se põe no final de uma linha?
— Conforme! Se é ditado um ponto final, se é caminho de ferro, uma estação!...

O Antunes — Ontem tive uma zanga terrivel com minha mulher! Ouviste alguma cousa?
O vizinho — Sim. Tudo quanto tua mulher te disse...

— Meu bom senhor, porque tocam os sinos a estas horas?
— Naturalmente, porque estão a puzar nos badalos...



Maria Amelia Teixeira, Filha, poetisa distinta e escritora de raro valor

O GRANDE INFELIZ

O Isidoro Banana era e cumulo da infelicidade. Teve a desdita de casar com uma fera, filha de outra, fera ainda mais volumosa, e a sua vida era uma constante martirio.

O pobre Isidoro apparecia-me sempre maltratado, com emplastos, as vezes não podia falar e com nodos negros. Eu quando o via julgava que ele tinha descido dalgum electrico em andamento, ou que tivera o arrojado de atravessar o Rossio ás quatro horas da tarde, mas tudo aquilo era muito simplesmente da mulher e da sogra. Aquele martirio durava já havia sete anos e não dava esperanças de melhorar. Dei-lhe conselhos, indiquei-lhe uma maneira de reagir, mas era pior. O Isidoro reagia, mas immediatamente a mulher e a sogra reagiam o dobro e aqui estava o infeliz outra vez em estado comatoso. Novos conselhos da minha parte e novas nodos negros da parte dele.

Um dia appareceu-me ele mais apouquado do que nunca, um braço ao peito e o ar abatido.

— Então meu velho, tornaste a reagir? Interroguei.

— Não, desta vez foi mesmo sem reagir. Esqueceu-me duma coisa que a minha sogra me pediu e ela muito arreliada deu-me uma dentada no braço.

— Isso é mau. Olha que a tua sogra pode ser que esteja hidrofoba.

— Não está, que eu já fui ao Instituto.

— E agora o que pensas fazer?

— Levo aqui um açamo.

O açamo não lhe serviu de nada porque três dias depois o Isidoro apparecia-me novamente todo mordido. Voltel a aconselhá-lo, mas sem resultado.

— Tu tens que mostrar que és homem. E se seguides á risca o meu conselho, garanto-te que a tua situação se modifica.

— A minha situação não queria eu que se modificasse, a única é que era preciso.

— Faz o que te digo e deixa o resto. Tu vais daqui e compras uma bengala daquella que os doutores usam para castigar mulheres, e quando chegares a casa, não des

tempo a que elas falem, começa tu a gritar com quanta força tens e a bater o pé. Esperimenta e verás que dá resultado. O que é preciso é mostrar valentia.

O Isidoro prometeu seguir os meus conselhos e lá foi para casa. Dias depois volto a vê-lo, todo cheio de ligaduras e com uma voz muito lá de dentro.

— Então ainda não foi desta que mostraste o teu valor?

— Não, cici, o Isidoro, não deu resultado o teu conselho.

— O quê, tu assim que entraste não batestes o pé?

— Bati, mas elas bateram os quatro pés e eu levei uma parrelha de coices na boca do estomago que até desmaiei.

— E então a bengala?

— A bengala? Tenho aqui dois vergões nas costas, que elas me fizeram com a bengala.

— Olha Isidoro, o melhor que tu tens a fazer é dar um tiro na cabeça. Porque eu não vejo outra solução.

E voltei-lhe as costas enjoado por ver um homem que se deixa bater por uma mulher.

Voltel a encontrá-lo. Está mais gordo, não tem nodos negros e um ar de saude que só lhe conheci em solteiro. Assim que me viu correu para mim e sem me dar tempo a interrogá-lo, gritou-me muito satisfeito:

— E agora, que tal me achas?

— Ora até que enfim. Reagiste. Já não era sem tempo.

— Qual reagi. Melhor, muito melhor.

— Desataste então tu a morder nelas?

— Muito melhor.

— Já sei. Tu agora é que lhes bates.

— Nada disso, muito melhor.

— Então já sei! Mataste-as.

— Isso não era muito seguro porque elas podiam ressuscitar. Mas ainda melhor.

— Oh homem, melhor do que isto não sei o que há.

— Oh, Isidoro, não.

FERNANDO D'AVILA



— Venha cá, meu menino: Porque estava a dar chocolates Nestlé ao cão?

— O papá, era para o engordar, coitadinho. Eles são tão bons, que até o Toni gosta deles.

— Coma-os o menino só, senão não o ensino a comer-se ao cão, está certo Nestlé.

— Pois sim, papá. Não tenho mais!

Amôr ... Amôr ...

O meu amigo Z... procurou-me ontem para me comunicar a indignação que lhe causaram as notícias, vindas a lume nos jornais, acerca das pessoas que ultimamente tomaram a deliberação de consorciar-se com senhoras de mais de 60, de 70 e até de 90 primaveras.

E dizia-me com a sua habitual fogosidade:

—Não conheço essas pessoas, nem elas me passaram procuração para as defender, mas nem por isso deixo de protestar contra a perseguição que lhes tem sido movida.

—Mas—volvi-lhe para o acalmar—essas senhoras não gosavam, segundo se infere da opinião de cotados alienistas, duma perfeita saúde mental. E o casamento de homens ainda novos com alguns interessantes casos de senectude feminina...

Z... não me deixou prosseguir:

—O casamento faz-se por amor ou por interesse. Em qualquer dos casos, consultar um alienista é tão absurdo como apelar para a intervenção dum architecto.

—A hipótese de amor nesses casamentos está arredada—volvi, desta vez para o excitar.

—Bem sei, por causa da diferença de idades. Que disparate! Não é verdade que o amor não conhece classes, nem fronteiras, nem raças? Como havia de reconhecer, como obstáculo insuperável, vinte, trinta ou mesmo quarenta anos de diferença existente entre duas certidões de idade?

—Mas se o alienista provar que a noiva ou a recém-casada estava doida...

Z... enfiou-me a observação!

—Não se afirma que o amor é uma loucura terrível!? E dizer que uma mulher enlouqueceu apenas porque pensa em casar é concluir que só têm juízo as mulheres solteiras, o que é arbitrário, visto não faltar entre elas quem ande a bater, e com força, a cabeça pelas paredes...

Quem não ama, não vive, portanto, uma mulher ou é doida ou não existe. De resto, todos os dias se fazem, em Lisboa, casamentos que são verdadeiras loucuras...

Não se esqueça ainda que ha, enere eles, muitos contraidos entre raparigas de vinte anos e velhos de sessenta. E ninguém protesta! E nenhum alienista intervem...

—Mas, amigo Z..., dizem que se trata de casamentos de interesse. Que se explora a loucura de senhoras idosas, para lhe ficarem com a fortuna.

—Então, a maioria dos casamentos são actos de desinteresse? E não constituiria um verdadeiro atentado á liberdade individual obrigar uma pessoa que vai casar, a dar, em publico, explicações acerca dos motivos porque o faz? Ninguém tem nada com isso.

«E essa historia das senhoras idosas ficarem sem a fortuna, não é levantada por pessoas que lha pretendem herdar? Como vê, ha em tud isto vergonhosas ambições, calculos grosseiros...

—Trata-se de pessoas de familia das noivas—objectei para o tranquilizar.

Mas, Z..., com redobrada indignação, retorquiu-me:

—Então um sobrinho insulta a tia, chamando-lhe doida, e esta ainda por cima tem de lhe deixar a fortuna? Onde se viu maior pouca vergonha?

LIÇÕES DE LITERATURA

Explicação preliminar

A arte de fazer literatura é mais difficil do que muita gente imagina. Ha quem julgue que, para se ser literato, basta saber escrever. Puro engano. E' desnecessario esse luxo. Toda a gente sabe que ha escritores que nunca pegam na pena: escrevem á maquina, ou ditam as suas obras.

Saber gramatica, é tambem dispensavel, quer para alguém se dedicar á prosa, quer mesmo para os que se dedicam ao verso.

Para fazer versos é preciso apenas saber desenhar, para meter o que se escreve ou dita dentro de rectangulos apropriados ou em mais caprichosos desenhos, como explicaremos.

Para fazer prosa, basta saber falar. Os mudos, no entanto, tambem podem fazer literatura; a estes é mais facil se souberem escrever.

A gramatica foi inventada para se fazer exame de instrução primaria.

Para fazer literatura, ninguém precisa de saber onde está o sujeito ou o verbo.

O sujeito surge de qualquer forma, no andamento do enredo, e, ás vezes, é uma sujeita e está sujeita a tudo o que dela queiramos fazer. O verbo usava-se quando havia Parlamento, pois só quem tivesse verbosidade é que tinha condições para ser pai da Patria.

Ao iniciar o nosso curso literario, escolhendo para lhe dar expansão a grande tiragem deste jornal, abrimo-lo com algumas

NOÇÕES ELEMENTARES

A literatura tem varias modalidades. As suas modalidades basicas são duas: prosa e verso.

Prosa—Um dia um curioso, que não tinha nada que fazer, perguntou a definição de prosa e, quando lha deram, comentou espantado:

—Ora essa! E eu que ignorava que, desde pequenino, ando a falar em prosa!

Ficam já sabendo que este curioso não era surdo-mudo e podem fazer uma ideia de que seja prosa. E' isso mesmo: tudo o que a gente diz desde pequenino.

Aquela criança que passou á historia, á qual a mãe tinha recomendado que, diante de gente de fóra, nunca pedisse para ir lá dentro, porque parecia mal, e que gritou num jantar de anos:

—Mãe, dá-me um papel para me limpar, que eu vou ao jardim colher flores!

Fazia prosa sem o saber.

Poesia—A poesia pode ser medida, desmedida, rimada e não rimada.

Para se saber fazer poesia medida, compra-se uma fita metrica de alfaiate (1), escreve-se o que se quizer, mede-se o total da escrita e, no final, divide-se em tantas partes quantas desejamos, para encher o papel. Assim, por exemplo, um trecho de prosa dividido em 14 partes iguais, pode publicar-se a duas colunas no *Sempre Fixe* e dar-se-lhe o nome de *soneto*, corrupção das palavras *Só e neste*, porque a divisão é sempre feita por 14, e *só neste* espaço cabe. O mesmo trecho pode publicar-se a encher uma coluna de alto a baixo, dividindo-o em 20, 30, 40 ou mais bocados iguais, não tendo então nenhum nome especial, porque é de encolher e estender, pode colocar-se no espaço que se quizer.

Para ser mais facil fazer poesia, inventaram-se as rimas e a necessidade da metrica, a fim de que todas as coisas na gramatica possam chamar-se liberdades poeticas. Ha até quem, na prisão, tenha tido dessas liberdades, e nem por isso é preso.

A rima, que parece duma grande dificuldade, resolve-se pela substituição das palavras por outras, como explicarei numa das minhas lições.

Para amenisar tanto quanto possível a aprendizagem dos muitos milhares de alunos que, certamente, seguirão estas lições, não as seguirei num metodo rigoroso, seguindo em capitulos.

Tratarei em cada lição dum ramo (ou galho) literario—jornalismo, novela, romance, poesia, teatro, etc...

No fim das lições é só baralhar e tornar a dar, e terão um metodo completo que a todos habilita a editar livros á sua custa, que os livreiros não vivem disso, ou a publicar as suas obras em jornais que fundem e dirigam, mesmo que ninguém os digira.

Não convem a ninguém fazer da literatura modo de vida, porque se arrisca a atingir a celebridade quando já tiver morrido á fome, o que não é conveniente nem para si nem para a familia, a quem, desde já, apresentamos os nossos sentidos pezames...

RUY DE ORTEGA.

(1) Se se tratar duma poetisa, compra uma fita metrica de modista ou de stall-leur pour dames.

A morte do boemio

O José Manuel não fóra, decididamente, um homem pacato.

Tivera aventuras e mais aventuras com mulheres; levava uma vida pouco cristã.

O certo é que, mau grado os conselhos dos seus, já tinha entrado na casa dos quarenta e a sua vida em nada se modificara.

Como todo o bohemio José Manuel tinha um horror profundo, um desprezo enorme pelos medicos e pelas doencas.

Mas um dia, depois duma rapariga ceia com algumas raparigas das suas relações, o José Manuel sentiu-se indisposto.

Os amigos levaram-no a casa e logo alguém percebendo bem o seu estado aflançou, que o José Manuel iria fazer companhia a um outro seu companheiro de pandega—o Artur Calhariz, que dias antes morrera.

Chamou-se um medico, mas os seus esforços foram baldados e o José Manuel dentro de duas horas «esticava o pernil».

Fez-se o enterro.

* * *

O José Manuel, dentro no caixão e percebendo bem a sua situação de morto, pôz-se a pensar no caminho a seguir.

Encaminhou-se pois para as portas do Céu.

Falou a São Pedro, solicitando-lhe a entrada no Paraíso.

—Qual quê?—disse o chaveiro do Céu. Vai lá ao inferno porque a tua vida irregular de pecador não permite a tua entrada aqui... Nem que estivesse vinte anos no Purgatorio a expurgar-te dos pecados cometidos.

O nosso homem cabis-baixo, e porque não lugara tocar no coração de S. Pedro, dirigiu-se ao reino de Satanaz.

O diabo afagando um cornicho e a antipatia pera, disse-lhe:

—Anda cá. Tu pertences-me. Mas como o diabo não é tão mau como o pintam—vou dar-te a escolher a tua morte definitiva.

E agarrando-o por um braço segredou-lhe que o José Manuel ou ficaria para sempre feito em azeite ou teria de morrer afogado nas fezes da gente que constituia a sua enorme corte.

—Vamos vêr—disse José Manuel. Só depois disso saberei o que mais me convem.

Levado pelo Diabo o José Manuel foi observar as colossais «frigidieras».

Olhou, e percebendo que não era agradável morrer definitivamente no meio de azeite a ferver, disse para o diabo:

—Prefiro morrer atacado em... fezes.

—Está dito.

...O lago das fezes era um lago enorme. Morrer ali era um supplicio de facto: mas sempre melhor que feito com qualquer pescadinha de rabo na boca.

Disponha-se o José Manuel a atirar-se para dentro dele e já com as fezes a dar-lhe pelos queixos, viu o seu antigo companheiro Artur do Calhariz.

—Eh pá! Que tal é isso? Eu tambem vou para aí...

—Então, diz o Artur do Calhariz, entra devagarinho... Não faças ondas!

Tableau.

Os beijos e os anos



Aos 16 anos dá-se

Aos 20 vendem-se

Aos 40 compram-se

Contratam-se

AMBITO TODA A NOITE
RESTAURANT ROM A
— 100 DO MARRA, 110 e 120 —
Luzes: telefonar no 1.º andar

Preço de assinatura

Continente e Ilhas... (Ano: 2000, Semestre: 1000, Trimestre: 500)

Colónias portuguesas... (Ano: 2000, Semestre: 1000, Trimestre: 500)

Contratam-se... (Ano: 2000)

Prosa de Cha-Velho

Ao genial pintor espanhol D. Francisco de Goya se deve, talvez, a definitiva consagração das corridas de touros, ai pelo ano de 1756, tendo para tal contribuido aquele estranho rei Fernando VII que fundou a Escola do Toureiro, de Ronda, e depois de Sevilha, regulamentando o espectáculo e dando categoria aos lidadores.

E o proprio Goya foi toureiro, como ele confessa em carta que, datada de 21 de maio de 1766, escreveu ao seu mestre Lujan:

«Não posso ocultar que fui toureiro e sempre que ha corridas de touros deixo o trabalho para ir ver o unico espectáculo que ao meu espirito se acomoda.

Tampem numa carta de Moratin, datada de 1825, se diz:

«Goya disse-me que no seu tempo foi toureiro e que, com o estoque na mão, não tem medo a ninguém, apesar de ter oitenta anos».

E foi nos tempos de Goya—depois de 1810—que o povo espanhol cultivou as corridas de touros, festejando a sua libertação do jugo francês e exibindo tão característica festa espanhola.

E foi D. Francisco de Goya que, numas festas reais celebradas em Madrid, se encarregou de dirigir a decoração da praça, por encargo de Godoy, o favorito de Fernando VII.

Por tudo isto, que tem mais de erudição que de graça, e pelo proprio titulo consagrado destas «Corridas Goyescas» que agora nos impingem, se pode atribuir ao genial pintor a insuspeita culpa das «mamarrachadas» do empresario Eduardo Pagés.

E, por assim ser, publicou o falecido ceramista Daniel Zuloaga, ha anos, num jornal grafico de Madrid, esta opinião acerca do remoto culpado das «Corridas Goyescas»:

«Goya, como pintor, é unico; como «aficionado a touros, merecia ser quimado vivo e a fogo lento».

E, agora, aqui para nós, que castigo se devia inventar para o inventor da Tourada Portuguesa do Seculo XVII?

Silva Tavares



«O livro do nosso amor»

Foi posto á venda alcançando grande successo
Vende-se em todas as livrarias
Pedidos á administração do
«Diario de Lisboa», Rua da Ro-
sa, 57, 2.^o

Sortes gratuitas?

76 - Rua de S. Paulo - 77

DESSPORTOS

Concurso das figuras e factos notaveis do Sport de Portugal



Quando jogava, voava,
E voava sem receio,
Nos tempos que já lá vão,
E até quasi que apostava
Que foi daí que lhe veio
O gosto p'la aviação.

E p'ra tentar agarrar
As bolas que iam p'ra o ar,
—os formidaveis balões,
Não havendo outro processo
E p'ra ter maior successo
Dedicou-se aos aviões.

Quem ao pé d'ele chegar
Por força que ha de espirrar
Porque irrita a pituitaria
O nome, porque ele não,
Que apenas tinha um senão:
As faltas na grande area.

Leitor que lês estes versos,
—Bocados de humor dispersos,
Se adivinhaste, não sei.
Não posso ser mais conciso:
Nos guizados é preciso
Vai á mesa do rei.

ZE' MARIA



A rua da Boa Vista ou a boa vista da rua

Uma como ha muitas

Num dos estabelecimentos mais «chics» da Baixa entrou certo dia uma senhora muito elegante, com os lábios da cor do baton «rouge» com que os pintava e com as saias dois centímetros acima do nivel do joelho.

Acompanhava-a uma sopeira muito rechonchuda, coradinha como um pau de lacre, verdadeiro tipo de salaõia, mas que pelo rosto parecia não vender azêdas.

Notaram os empregados que a sopeira estava muito triste, talvez, a pensar do 92, «galucho» que ás cinco horas em ponto fazia três quartos de sentinela em frente da sacada da cosinha, ao mesmo tempo que entoava o assobio da «Grande Parada».

Quando se lhe proporcionava a ocasião, o nosso 92, repetia á sopeira um daqueles versos da canção do «Premio de Beleza» que uma vez ouviu do galinheiro do S. Luis que ele afirmava á criada ser da sua autoria: «Je t'ai qu'un amour: c'est toi».

Conforme eu ia dizendo, a patrão e a criada entraram no estabelecimento e pediram para ver as diversas peças de sédas.

O empregado com uma solicitude natural de quem está a um balcão, servindo uma insinuante senhora, tratou-a com imensa amabilidade e não existia na casa nenhuma variedade de sédas que ás costas do desgraçado não acarretassem para o balcão, a fim da «madame» ver.

Desarrumou umas poucas de prateleiras, mandou um móço buscar mais peças ao armazem e á senhora nada lhe agradava.

Entretanto um caixeiro mais atrevido, arriscou-se a pisar o olho á sopeira. Esta, ofendida no seu amor pelo 92 ia para dar uma grande decompostura ao incorrecto, quando enchendo-se daquela vaidade que em todas as mulheres conhecemos lhe correspondeu com um sorriso! A patrão alheia a este pequeno incidente, já tinha visto perto de 80 peças de sédas sem que nenhuma qualidade lhe agradasse.

— Tem aqui esta, minha senhora! E' a moda deste ano, disse o empregado.

— Não, não gosto; é muito escura, contrariou a senhora.

— Ora aqui está uma séda que por certo lhe agradará, voltou novamente o empregado.

— Acho-a muito garrida!

Entretanto o caixeiro pegava na penultima peça e como quem encontra uma inspiração salvadora, virou-se para a senhora e afirmou-lhe:—V. Ex.ª com certeza que ainda não reparou nesta! Que bem que lhe deve ficar um vestido desta cor! E o caixeiro fez-se poeta! E' uma cor que fica muito bem às senhoras que, como V. Ex.ª, sejam morenas!

— Pois sim! Não simpatizo muito com ela, mas como não lhe quero dar mais massada, corte dessa!

— Quantos metros é que V. Ex.ª deseja? —interrogou o empregado, ao mesmo tempo que dava um fundo suspiro!

— Quantos metros? Mas quem lhe falou em metros? Faz favor corta 10 centímetros! Não preciso de mais! E' para fazer dois leatinhos!

M. BENAVENTE



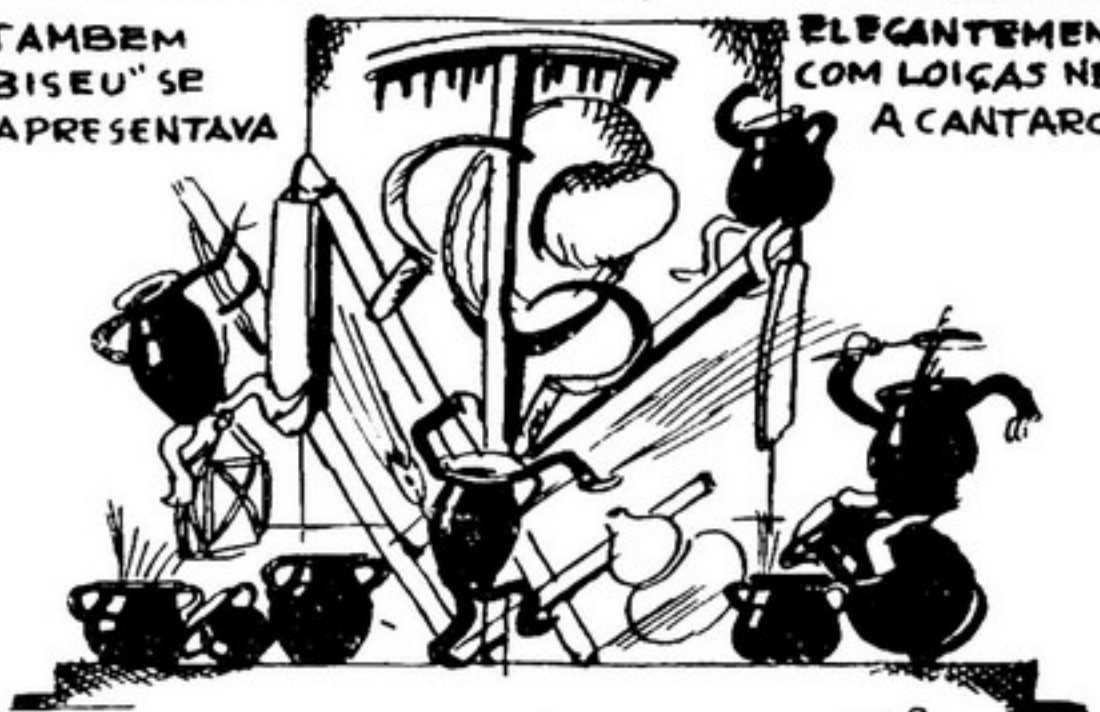
— Onde vai a senhora, com um ramo de flores e com tanta gentileza?
— Vou levá-lo á Laura, pelo casto dos concursos Nestlé!...

A EXPOSIÇÃO DA ESPICA NACIONAL

ORA BÉJAM COMO BÉJA FEZ AOS OUTROS TANTA INBEJA

TAMBEM "BISEU" SE APRESENTAVA

ELEGANTEMENTE COM LOIÇAS NEGRAS A CANTAROS.



ESTE TRIGO GORDO

NO "STAND" DO MINHO "STAVAM" LINDAS BONECAS PEQUENAS E GRANDES SENDO POREM, AS GRANDES MUITO MAIS APRECIADAS.



ESTE TRIGO E PERNALTA



ESPECIMEN DUM ADUBO RECLA MATIVO

TAMBEM A **CUP PEF** METEU O NARIZ



COMO FICOU O SENHOR DOS PASSOS "NITROFOSKINHAS" DEPOIS DE IR DO CALVARIO A AJUDA



OS ABUZAÇOS NÃO ABUZARAM

TRIGO LINHARES DE LIMA



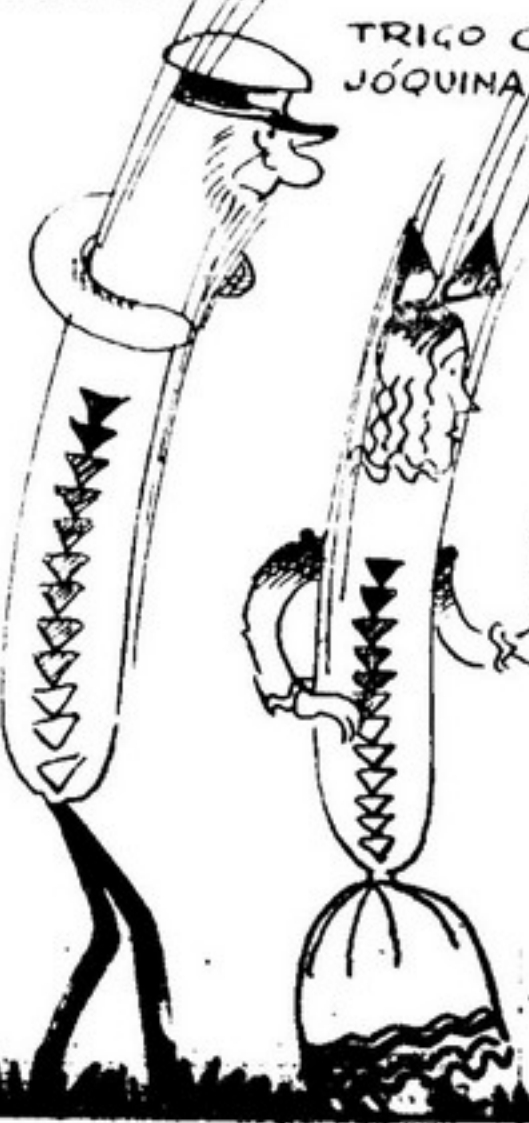
TRIGO GALEGO BARBADO

TRIGO CARLOTA JÓQUINA



TRIGO PRETO AMARELO

TRIGO AZA DE CORVO



TRIGO PRECOCE

TRIGO CASCALVO (DEDILAS) ADROCELO PEREZ

E COM O TRIGO DO "CHÃO" FEZ O "PIU" UM PAPAÓ

TRIGO GIGANTE INGLEZ

